



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

FRANCISCANISMO, DIABO E ENQUADRAMENTO SOCIAL NO SÉCULO XIII EM CASTELA: A NARRATIVA DO SACRISTÃO FORNICADOR

Thalles Braga Rezende Lins da Silva*

1

Esta apresentação trata-se de um recorte de minha pesquisa de mestrado. Nesta pesquisa, o objetivo principal é compreender em perspectiva comparada como as representações do Diabo, presentes nos *Milagros de Nuestra Señora*, de Gonzalo de Berceo, e no *Liber Mariae*, de Juan Gil de Zamora, foram usadas como discurso de enquadramento social pela Igreja medieval castelhana do século XIII.¹ Para que se possa entender de que maneira o texto se relaciona com o discurso de enquadramento social da Igreja castelhana do período, discutirei ainda no mesmo trabalho como estas narrativas tradicionais se atualizam e se articulam com as Atas Conciliares do Concílio de Latrão IV e de Valladolid, realizados respectivamente em 1215 e 1228. Contudo, neste artigo me limitarei à análise do texto *Santa Maria roba al Demonio el alma de un*

* Bolsista CAPES, historiador formado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrando do Programa de Pós-graduação em História Comparada e do Programa de Estudos Medievais da mesma instituição. E-mail: thalles1107@gmail.com.

¹ Para tal análise, uso como referenciais teórico-metodológicos o conceito de representação de Roger Chartier e a metodologia de História Cruzada, proposta por Michael Werner e Bénédicte Zimmermann.

monje pecador,² uma das versões da história de um monge e sacristão fornicador que, por ser muito devoto da Virgem Maria, acaba sendo salvo do Diabo após sua morte. Por isso, a seguir, apresentarei de forma resumida a narrativa, destacando os pontos centrais e as expressões usadas pelo narrador para contar a história.

O texto se inicia com uma breve sinopse do enredo. Depois, o narrador prossegue contando que esse monge, além de sacristão, era muito mentiroso e que por inspiração diabólica algumas vezes se entregava aos ardores da luxúria. Todavia, ele amava enormemente a mãe nutrícia de Cristo e, sempre que passava perante seu altar, saudava-a com uma reverência e um cumprimento.

Perto deste mosteiro, havia um rio que o monge precisava atravessar para praticar seu pecado. Em uma das noites, depois de sair, antes realizando seu ritual de costume perante o altar da Virgem, o sacristão foi empurrado pelo Diabo e morreu afogado. Logo em seguida a isto, uma multidão de demônios se apoderou da alma do monge tentando leva-la para o Inferno. Por piedade divina, alguns anjos se aproximaram para tentar consolar a alma do sacristão, ao que foram indagados pelos demônios o que faziam ali. Estes disseram que devido as suas ações, a alma do monge pertencia a eles por direito. E realmente, os anjos não tinham nenhuma boa obra do sacristão que pudessem usar para opor-se a estas palavras.

Porém, de repente, surge a Santa Mãe de Deus e com nobre autoridade pergunta aos espíritos perversos (demônios) porque eles se apoderaram da alma. Os demônios respondem que foi por que o monge passou a vida nas más obras. A Virgem replica que isso é falso, porque toda vez que saía ou chegava ao mosteiro, o sacristão a saudava. Diante do impasse, ela apela ao julgamento de Cristo. Jesus decide que, devido aos méritos de sua mãe, a alma do monge deveria regressar ao seu corpo para que ele fizesse penitência.

Enquanto isso, a hora da convocação dos monges para cantar as matinas chegou. Com o atraso no sinal, alguns dos monges levantaram-se e foram procurar o sacristão. Não o encontraram até procurarem no rio, onde o acharam submerso. Tiraram

² Os títulos apresentados para as versões zamoranas dos milagres marianos são aqueles atribuídos pelo editor Francisco Rodríguez Pascual na sua edição do LM, já que o documento originalmente não trazia títulos de autoria de Juan Gil de Zamora.

o corpo da água, se indagando como havia ocorrido aquilo. Enquanto debatiam entre si, o sacristão de modo admirável retornou à vida, pondo-se de pé e contando o que se sucedeu.

Depois disso, o monge abandonou o vício e viveu deleitando-se somente em servir fervorosamente a Deus e santa Mãe Maria. Terminou sua vida com boas ações, conseguindo a salvação sobre as graças de Jesus. Para quem são dedicadas glória e honra infinita até o fim dos tempos, seguidos de um Amém, no final da narrativa.

O texto que acabo de resumir e analisarei aqui está contido no *Liber Mariae*, doravante abreviado como LM, que é a segunda parte do livro conhecido como *Liber Ihesu et Mariae*.³ Este livro está datado entre 1278 e 1284 e foi escrito em latim na forma de prosa. Ele consiste em uma vida da Virgem Maria referenciada na Patrística e no pensamento de eclesiásticos anteriores. Está dividido em 18 tratados, sendo que no décimo sexto está o total de 88 narrativas do LM, cada uma contendo um breve relato de um milagre mariano. *Santa Maria roba al Demonio el alma de un monje pecador* é precisamente o MIL. I do capítulo I. O LM foi redigido em Castela, mais precisamente o Convento Franciscano de Zamora.⁴ A autoria do LM é atribuída a Juan Gil de Zamora (1241-1318),⁵ oriundo da cidade homônima. Ele se formou em Teologia na Universidade de Paris, assumindo posteriormente o cargo de professor no *studium* franciscano e custódio do convento franciscano de sua cidade natal. Foi também diácono da paróquia de Santo André. Por volta de 1295 tornou-se vicário e,

³ ‘Os originais do LM foram perdidos no séc. XVIII. A cópia MS. 9503, que está na Biblioteca Nacional de Madrid, é da virada do séc. XIII para o XIV, estando quase completo, exceto por três páginas que foram extraviadas. Já a cópia MS. 957 está na Biblioteca do Palácio, em Madrid, porém contém apenas a primeira parte do *Liber Ihesu et Mariae*, ou seja, o *Liber Ihesu*. Para este trabalho foram utilizadas duas edições críticas do LM, ambas baseadas no MS. 9503. A de Fidel Fita, publicada na forma de três artigos, apresenta o texto no idioma original de redação, enquanto a de Francisco Rodríguez Pascual traz uma tradução para o espanhol moderno.

⁴ Zamora está situada no noroeste espanhol, tendo como capital a cidade homônima. Suas terras estão divididas entre planícies e planaltos áridos e os vales dos rios Dueros e Valderaduey. A sua flora é marcada pela presença de azinheiras, cerquinhos e pinheiros mansos. Na fauna predominam as espécies aquáticas e de aves ligadas aos rios e seu entorno. Do ponto de vista agrícola a terra é considerada de baixa produtividade. Era uma área estratégica e fortificada, antes contra os mouros e depois, devido às disputas territoriais entre cristãos. Sua capital foi destruída e reconstruída duas vezes ao longo da Idade Média, a primeira vez no século IX e a segunda no século XI.

⁵ PÉREZ-EMBED WAMBA afirma que ele nasceu antes de 1229 (2002, p. 303). Gil de Zamora também compôs os seguintes documentos medievais: *Vita Sancti Isidori Agricolae*, *De praeconiis Hispaniae*, *Liber illustrium personarum e*, *Legendae sanctorum et festiuitatum aliarum*.

posteriormente, ministro da Província Franciscana de Santiago. Foi colaborador de Afonso X, atuando como “*scriptor*”, secretário régio e preceptor do futuro Sancho IV. Juan Gil possuía, mesmo que ainda pequeno, certo grau de influência na corte, apoiando Sancho IV na sucessão real contra os filhos de Fernando de la Cerda, seu falecido irmão mais velho (PASTOR GARCÍA, 1997, p. 57-70).

Supostamente, Juan Gil teria tomado contato com narrativas de milagres marianos quando esteve em Paris cursando Teologia, mas não se conhece nenhum documento que tenha sido confirmado como fonte do *Liber Mariae*.⁶ A inexistência de uma fonte conhecida do LM que pudesse ser cotejada com o mesmo, traz uma série de problemas, por exemplo, torna inviável a determinação da técnica estilística empregada na sua redação. Todavia, ainda sim, o LM pode ser considerado uma apropriação criativa. Isso porque, ele apresenta elementos da religiosidade franciscana no seu texto, sendo que todas as suas possíveis fontes seriam anteriores ao surgimento desta ordem. Sendo assim, o LM seria uma das primeiras versões franciscanas para os milagres marianos, composto por meio de uma apropriação criativa de fontes que eram representações ligadas a outros interesses institucionais.

As versões do LM para os milagres marianos são numerosas, porém concisas e sintéticas, muito similares em tamanho às versões latinas em prosa anteriores ao século XIII. Por isso, pode-se pensar que o autor do LM compôs uma versão com menos criatividade do que fidelidade às fontes que recorreu para escrever sua obra. Entretanto, é importante salientar que tanto uma versão mais longa quanto uma mais curta são compostas por escolhas do que manter, acrescentar, retirar e, principalmente, alterar. Tais escolhas só podem ser compreendidas à luz do contexto histórico, por isso me referenciarei nele o máximo possível conforme for analisando os elementos da narrativa.

⁶ Ao versar sobre a inserção do LM na mariologia medieval, para compensar a falta de informações sobre suas possíveis fontes, os estudiosos enfatizam a sua influência sobre o que veio depois, citando o LM como fonte direta das *Cantigas de Santa Maria*, compostas em galaico-português, por Afonso X, rei de Castela, também no século XIII. PÉREZ-EMBID WAMBA chega a apresentar os índices das obras e um quadro comparativo dos milagres presentes no LM e nas *Cantigas de Santa Maria* (2002, p. 354-361). Maria Rosa Vílchez chega a indagar se o MS. 110 da Biblioteca Nacional de Madrid não teria sido fonte do LM, porque além da semelhança dos conteúdos, ambos apresentam os mesmos erros de transcrição. Contudo, ela acaba por admitir ser impossível determinar se o MS. 110 seria a fonte do LM, tendo em vista que seria muito plausível a possibilidade de os dois, LM e MS. 110, apresentarem tantas semelhanças apenas por terem tido uma fonte comum (1954, p.34).

Em termos literários, pode-se dizer que o LM faz parte da épica. Maria pode ser considerada como uma heroína andante, que protege os mais fracos, porém merecedores, realizando feitos milagrosos e lutando contra seu archi-inimigo, o Diabo. E que o seu tipo de narrativa é o conto, ou seja, narrativas curtas, que condensam o conflito, tempo, espaço e reduzem o número de personagens. Embora, atualmente, possa simplesmente ser considerado fantástico ou psicológico, esse tipo de narrativa já foi marcado pela intenção moralizante do que era contado, como visto na história do sacristão fornicador (GANCHO, 1991, p.7-8).

Tendo em vista que o LM se trata de uma hagiografia⁷ não é por acaso que esta intenção moralizante está presente no texto do sacristão fornicador. As hagiografias possuem funções fundacionais e agregadoras dentro de um grupo social. Elas demarcam a fundação deste grupo, por exemplo, ligando a imagem edificada de um santo hagiografado a um lugar (túmulo, igreja, mosteiro, por exemplo) no entorno do qual se desenvolve uma comunidade. Porém, ao mesmo tempo em que elas constituem-se como lembranças (objetos cujas construções estão ligadas aos desaparecimentos dos começos), elas combinam-se com uma 'edificação' produtora de uma imagem destinada a proteger o grupo contra a dispersão (CERTEAU, 1982, p.269). Portanto, as hagiografias também demarcam a relação do grupo que a produziu com os demais.

No LM, os conflitos de todas narrativas com a presença do Diabo residem no impedimento da Salvação dos mortais, todos muito devotos da Virgem Maria, devido a alguma prática condenada no texto (também sempre tida como pecado). O teor de tal prática em todas as ocorrências viola alguma norma de conduta defendida pelo modelo de vida mendicante franciscano.

A Ordem dos Frades Menores, conhecida ainda como Ordem Franciscana, foi fundada por Francisco de Assis em 1209, na Península Itálica. Ela baseava sua religiosidade na imitação do que entendiam ter sido a vida de Jesus e dos apóstolos, na pregação (sobretudo nos ambientes urbanos), na vida comunitária, na castidade e na mendicância (como forma de abnegação dos bens materiais) e na obediência. Esses elementos todos resultaram em críticas ao mau comportamento do clero (desvios

⁷ Hagiografia é uma palavra de origem grega (hagio = santo; grafia = escrita), usada desde o século XVII, para classificar os textos medievais, cujos temas centrais são os santos e/ou seu culto.

sexuais, ostentação de bens materiais, venda de indulgências ou outros favores religiosos), tanto secular quanto monástico, porém feitas sempre com respeito aos dogmas e a hierarquia da Igreja (BASCHET, 2006, p. 207-210).

No caso do sacristão fornicador, primeiro ele incorre no Pecado Capital da Luxúria,⁸ desrespeitando os seus votos de castidade. Depois, ele também incorre em desobediência, já que abandona as suas funções de sacristão, o que fica ilustrado quando seus companheiros não são despertados pelo sinal que ele deveria dar. É importante ressaltar que, no texto, a vida monástica como modelo de vida religiosa não garante a salvação do sacristão. De fato, não garante nem a retidão de caráter do monge, que é descrito como mentiroso e suscetível à inspiração diabólica. Pode-se ver nisso, por tanto, um exemplo das críticas franciscanas ao mau comportamento das demais ordens religiosas.

A verossimilhança de todo o enredo apoia-se na lógica medieval da crença em milagres, seguindo-a. Nesse período, os milagres são entendidos como aqueles eventos sobrenaturais limitados às especificidades restritivas cristãs, ou seja, sua autoria é sempre e unicamente atribuída ao poder de Deus, mesmo que seja realizado por meio de emissários seus (a Virgem, os santos, etc.). Logo, trata-se de um universo milagroso controlado, previsível e racionalizado pela ortodoxia, que limita suas condições de acontecimento e retém a autoridade para legitimá-lo. Contudo, apesar de rejeitar quaisquer outras fontes de manifestações sobrenaturais, atribuindo-lhes quase sempre uma natureza diabólica, esta visão considera que os mundos naturais e sobrenaturais se misturam cotidianamente sem rupturas (LE GOFF, 1985, p.32-35).

O narrador do LM apenas introduz o texto informando o número da narrativa milagrosa e sua sinopse de forma lacônica. Após isso, ele apenas descreve as ações dos personagens de forma impessoal.

Nas hagiografias, as personagens seguem modelos ligados ao seu caráter edificante que importam mais do que os nomes que elas recebem. Assim, uma série limitada de elementos comuns e repetitivos, os *topoi*, é encontrada para descrever e caracterizar as ações de uma infinidade de santos (ou aos seus antagonistas e

⁸ Pecados de maior gravidade, cuja listagem é feita na Idade Média por vários pensadores, entre eles o Papa Gregório Magno, que listou os setes Pecados Capitais da lista atual.

coadjuvantes). Cada hagiografia apresenta uma seleção destes *topoi*, escolhidos em função da trajetória particular do hagiografado e da tradição cristã do culto aos santos. Geralmente, é esta combinação de *topoi* que, deixando de lado qualquer pretensão biográfica, gera o sentido exemplar do relato. Não é raro que as personagens principais das hagiografias sejam pessoas de destaque na sociedade, estando em relação com todo tipo de gente, de ambos os sexos e diferentes estratos sociais ou instituições dentro ou fora do meio eclesiástico.

O foco central do LM é o culto a Virgem Maria. Por isso pode-se dizer que ele é um texto mariológico.⁹ Os relatos deste tipo variam do *planctus mariae* (sofrimento perante as dores de Jesus), até sua intercessão junto a ele e/ou ao Diabo pela salvação das almas de seus devotos, ou a realização de milagres diversos. No LM encontram-se os últimos dois casos.

Sendo assim, o documento faz parte de um conjunto de obras de mesmo tipo que se difundiu por todo o Ocidente medieval, especialmente nas regiões hoje conhecidas como França, Inglaterra, Itália, Alemanha e na própria Península Ibérica, desde a Alta Idade Média (VÍLCHEZ, 1954, p. 19-43). Essa circulação é muito reveladora das dimensões e força da mariologia medieval por toda a cristandade.¹⁰ Portanto, é importante deixar sublinhado a circulação, preservação e, no caso do LM, a adaptação regional pelas quais esses as narrativas passavam.

A tradição mariológica foi muito importante no período medieval, quando muito da teologia mariana se consolidou, como as discussões a respeito da sua virgindade, da sua concepção e da sua maternidade.

O culto mariano teve um primeiro impulso na antiguidade, entre os séculos II e V, mantendo-se aparentemente estagnado até que sofreu uma grande expansão nos

⁹ O LM também é considerado como hagiografia do tipo relato de milagres, visto que é uma coletânea de narrativas, cada uma com a história completa de um milagre. Mesmo que os milagres sejam itens praticamente obrigatórios de qualquer tipo de hagiografia, faz-se uma distinção no caso deste tipo específico, porque ele tem como foco ressaltar esses acontecimentos sobrenaturais. Nessas hagiografias, podem ser incluídos os milagres atribuídos ao santo tanto antes quanto depois de sua morte.

¹⁰ Pode-se identificar nas narrativas um total de 13 localidades espalhadas por diversas regiões da Europa e Oriente Médio. Seriam as cidades de: Colônia; Toledo e Celinos del Campo; Pávia, Roma e Pisa; Borges, São Miguel de Tumba, Cluny e Anfridi; São João d'Acre, Constantinopla e Sicília. Respectivamente na Alemanha, Espanha, França, Itália, Síria e Turquia. Essas localidades são o cenário dos relatos e muito provavelmente seu lugar de origem também.

séculos XII e XIII, impulsionado pelos monges beneditinos de Cluny e Císter. Sobretudo no século XII, com Bernardo de Claraval, influente abade cisterciense, a natureza humana de Maria é ressaltada e usada como argumento para seu papel de principal advogada da humanidade. Assim, a fé e a devoção a ela e seus desígnios, bem como a Igreja, seriam nesse discurso o caminho mais seguro para a salvação. Na Península Ibérica, o culto mariano esteve presente desde a época visigótica. Idelfonso de Toledo, personagem de uma das narrativas do LM, escreveu um famoso tratado em defesa da virgindade de Maria ainda no século VII. As relíquias deste santo se encontram em Zamora.

Juan Gil representa uma Maria de nobre autoridade, contudo intercessora, piedosa e maternal (os epítetos que ele usa para ela são: “Madre nutrícia”; “la almiflua Madre de Jesus”; e “santa Madre de Díos”). Formado em Teologia, é bem provável que Juan Gil conhecesse muito bem a mariologia defendida pela ortodoxia. Esta formação, junto com os ideais de humildade franciscanos, provavelmente são os responsáveis pelo autor também não confrontar em momento algum a ortodoxia referente aos pontos centrais da piedade mariana. Derivando daí a consonância de suas concepções com as de pensadores proeminentes como Bernardo de Claraval, Agostinho e Tomás de Aquino.

Na narrativa do sacristão fornicador quem desempenha o papel de antagonista do monge e de Maria é o Diabo. O Diabo induziu o monge à concupiscência, gerando toda a trama, e depois o empurrou no rio para que ele morresse afogado, deixando sua alma à mercê dos demônios para que eles o levassem para o Inferno. Segundo Russell, Satã frequentemente exercia o papel de antagonista nas hagiografias, sendo que Maria era sua adversária mais proeminente e costumeira, sobretudo no século XIII. Ainda segundo este historiador, as representações do Diabo nos textos hagiográficos seriam uma metáfora para o Mal, cujas características comporiam o arquétipo de um anti-modelo, isto é, um contraste frente a Cristo e aos santos, como uma cartilha de como não proceder (RUSSELL, 2003, *passim*). Por conseguinte, se as hagiografias eram histórias edificantes que visavam à construção da identidade de um grupo perante seu passado e relação com outros grupos, a função de antagonista desempenhada pelo Diabo é tão relevante quanto o protagonismo dos santos, principalmente, no que tange a

relação de um grupo com os demais e as práticas sociais que passam a valorizar como mecanismo de diferenciação.

Seja na teologia, na literatura ou nas artes plásticas medievais, Satã era representado esquivamente pela tradição cristã quanto à sua forma e à atribuição dos seus poderes, funcionando como uma espécie de máscara sem rosto, que poderia ser imposta a qualquer pessoa ou grupo que afrontasse o *status quo*, ou seja, era visto como Outro indesejado (LINK, 1998, p.193-205). Tais afrontas recorrentemente tomavam a forma de acusações de teor repetitivo, provenientes da ortodoxia, de transgressões dos limites da sexualidade, violência e legitimidade aceitas no seio da sociedade (STANFORD, 2003, passim).

A demonização das práticas sociais feitas pelo franciscano Juan Gil de Zamora fica bem clara na mensagem de sua versão da narrativa do sacristão fornicador. Com ela, o autor deixa claro que o destino final das personagens humanas pecadoras, quando não são redimidas, é o Inferno. Apenas ser membro da ordem monástica não garantiria essa redenção. Os bons atos a serviço de Deus e de Maria é que seriam necessários para isso. Porém, mesmo aqueles que tinham levado uma vida de pecados, se devotos sinceros de Maria, poderiam contar com sua proteção contra o Diabo. Maria é detentora de uma nobre autoridade e de méritos que fazem o julgamento de Jesus lhe ser favorável, mesmo quando os demônios possuem um direito legítimo sobre a alma do monge pecador.

As ações do sacristão fornicador que o levaram a morte, podem até ser interpretadas como uma trama diabólica para ficar com sua alma. E assim, justamente por isso, Maria teria intercedido por ele e Jesus lhe concedido uma chance de penitência. Porém, defendendo que somente sua devoção a Maria foi suficiente para salvá-lo, tendo em vista o trecho da história onde os anjos não acham uma boa ação sequer para retorquir os demônios.

Estando o LM escrito em latim e, levando-se em conta as funções desempenhadas por Juan Gil dentro da Ordem Franciscana e na corte de Afonso X, pode-se arriscar dizer que o público-alvo que o autor queria alcançar com sua mensagem era mais restrito. Provavelmente, compunha-se dos letrados e do clero, sobretudo os seus alunos franciscanos ou os cortesãos de Castela.

Porém, como era costume das ordens mendicantes que seus membros viajassem com frequência entre seus conventos, a mensagem do texto pode ter possuído um alcance bem maior e difícil de precisar, por ser bem menos rastreável. Logo, é possível pensar que as narrativas do LM foram compiladas para serem incorporadas pelos alunos franciscanos de Juan Gil em seus sermões de pregação. Como já foi dito, essa era uma das principais atividades do modelo de vida religiosa da Ordem dos Frades Menores. Sendo assim, indiretamente, elas podem ter circulado por muitos lugares do Ocidente Medieval.

Ou ainda ter tido um alcance local objetivo. A cidade de Zamora lugar de origem de Juan Gil e do LM, onde a mariologia era muito forte, fica próxima ao Caminho de Santiago de Compostela. No século XIII, ela passava por um processo de perda de prestígio devido aos avanços militares dos cristãos na chamada Reconquista. Por isso, pode-se pensar também que as narrativas do LM tinham finalidades propagandísticas de promover a localidade (atraindo pessoas e bens), os santos zamoranos que se vinculavam a Maria nos textos (por exemplo, Idelfonso de Toledo) e a Ordem dos Frades Menores (como instituição). Portanto, a tradição mariológica não apenas inspirou o autor a escrever sua obra, como também proporcionou mais uma oportunidade de propaganda de seu lugar de origem aos romeiros do Caminho de Santiago.

Sendo assim, Juan Gil de Zamora possuía o intuito de divulgar textos ligados a moral franciscana, que visavam à instrução e correção moral do clero e dos fiéis. Bem como também, pretendia a promoção da cidade de Zamora e do modelo religioso de vida da Ordem Franciscana, esta última frente aos modelos de vida das outras ordens.

No caso da narrativa do sacristão fornicador, o Diabo aparece como o antagonista, sendo representado como uma ameaça poderosa ao gênero humano, já que mesmo um monge pôde ser vítima dele. Ele também ajuda na condenação moral da desonestidade, fornicação e desobediência, já que – de todas as muitas faltas que o narrador e os demônios alegam que o sacristão era culpado – essas três são as destacadas no texto. Mas, por outro lado, Satã aparece, sobretudo, como um reforçador do culto mariano, visto que é Maria com seus méritos que consegue suplantar a ausência

de boas ações do monge para garantir-lhe uma chance de penitência, redenção e salvação final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Textos medievais impressos

JUAN GIL DE ZAMORA. Cincuenta leyendas por Gil de Zamora combinadas con las cantigas de Alfonso el Sabio. Fidel Fita Colomé (ed.). **Boletín de la Real Academia de la Historia**, Madrid, n. 7, p. 154-144, 1885.

_____. **Milagros de Santa María del “Liber Mariae”**. Edición de Francisco Rodríguez Pascual. Zamora: Semuret, 2007.

_____. Treinta leyendas por Gil de Zamora. Fidel Fita Colomé (ed.). **Boletín de la Real Academia de la Historia**, Madrid, n. 13, p. 187-225, 1888.

_____. Variantes de tres leyendas de Gil de Zamora. Fidel Fita Colomé (ed.). **Boletín de la Real Academia de la Historia**, Madrid, n. 13, p. 418-29, 1885.

KINKADE, Richard P. A New Latin Source for Berceo's Milagros: MS 110 of Madrid's Biblioteca Nacional. **Romance Philology**, Berkeley, n. XXV, p. 188-192, 1971.

Textos Historiográficos

BASCHET, Jérôme. **A civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006.

BOLTON, Brenda. **A Reforma na Idade Média**. Lisboa: Edições 70, 1983.

CERTEAU, Michell de. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2 ed. Lisboa: Difel, 2002.

DI BERARDINO, Angelo (org.). **Dicionário patrístico e de antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Ática, 1991.

KELLY, Henry Ansgar. **Satã: uma Biografia**. São Paulo: Globo, 2008.

LE GOFF, Jacques. **O Maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa: Edições 70, 1985.

LINK, Luther. **O Diabo: A máscara sem rosto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MUCHEMBLED, Robert. **Uma História do Diabo**. São Paulo: Bom Texto, 2004.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no Imaginário Cristão**. São Paulo: Ática, 1986.

PASTOR GARCÍA, Juan Tomás. Juan Gil de Zamora. In: FARTOS MARTÍNEZ, Maximiliano y VELÁZQUEZ CAMPO, Lorenzo (coord.). **La filosofía española en Castilla y León: de los orígenes al Siglo de Oro**. Valladolid: Universidad de Valladolid, 1997. p. 57-70.

PÉREZ-EMBED WAMBA, J. **Hagiología y sociedad en la España Medieval. Castilla y León (Siglos XI-XIII)**. Huelva: Universidad de Huelva, 2002.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 22. ed. Disponível em: <<http://www.rae.es/rae.html>>. Acesso em: 09 fev. 2012.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o Diabo na Idade Média**. São Paulo: Editora Madras, 2003.

STANFORD, Peter. **O Diabo: Uma Biografia**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2003.

VERGER, Jacques. **As Universidades Medievais**. São Paulo: UNESP, 1990.

VÍLCHEZ, María Rosa. El Liber Mariae de Gil de Zamora. **Eidos. Cuadernos de la Institución Teresiana. Revista de investigación e información cultural**, Madrid, ano 1, v.1, p. 19-43, Jul.-Dez. 1954.

WERNER, Michael e ZIMMERMANN, Bénédicte. Pensar a História Cruzada: entre empiria e reflexividade. **Textos de História**, Brasília, v. 11, n. 1-2, p. 89-127, 2003.